

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE
CENTRO DE EDUCAÇÃO, LETRAS E ARTES
LICENCIATURA EM LETRAS LIBRAS**

**ANDREY BARROSO DE ABREU
ÉRICA ALVES DA SILVEIRA**

**LEVANTAMENTO ANALÍTICO-BIBLIOGRÁFICO DE TEXTOS CIENTÍFICOS
SOBRE LÍNGUAS DE SINAIS INDÍGENAS A PARTIR DE UMA PERSPECTIVA
CRÍTICA**

**RIO BRANCO
2023**

ANDREY BARROSO DE ABREU

ÉRICA ALVES DA SILVEIRA

**LEVANTAMENTO ANALÍTICO-BIBLIOGRÁFICO DE TEXTOS CIENTÍFICOS
SOBRE LÍNGUAS DE SINAIS INDÍGENAS A PARTIR DE UMA PERSPECTIVA
CRÍTICA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade Federal do
Acre como requisito parcial para obtenção
de título de Licenciado em Letras Libras.

Orientador: Prof. Dr. Shelton Lima de
Souza

RIO BRANCO

2023

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da UFAC

A162l Abreu, Andrey Barroso de, 1997 -

Levantamento analítico-bibliográfico de textos científicos sobre línguas de sinais indígenas a partir de uma perspectiva crítica / Andrey Barrosos de Abreu e Érica Alves da Silveira; Orientador: Dr. Shelton Lima de Souza. -2023.

46 f.: il.; 30 cm.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Acre, Centro de Educação, Letras e Artes, Licenciatura em Letras Libras, Rio Branco, 2023.

Inclui referências bibliográficas.

1. Língua de sinais indígenas. 2. Surdo. 3. Linguística. I. Silveira, Érica Alves da. II. Souza, Shelton Lima de (Orientador). III. Título.

CDD: 419

Bibliotecária: Nádia Batista Vieira CRB-11º/882

**ANDREY BARROSO DE ABREU
ÉRICA ALVES DA SILVEIRA**

**LEVANTAMENTO ANALÍTICO-BIBLIOGRÁFICO DE TEXTOS CIENTÍFICOS
SOBRE LÍNGUAS DE SINAIS INDÍGENAS A PARTIR DE UMA PERSPECTIVA
CRÍTICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras Libras para obtenção do título de Licenciado em Letras-Libras pela Universidade Federal do Acre (UFAC).

Aprovado em 13 de março de 2023.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Shelton Lima de Souza
Orientador

Profa. Dra. Ivanete de Freitas Cerqueira

Prof. Dr. Selmo Azevedo Apontes

**RIO BRANCO
2023**

DEDICATÓRIA

Dedicamos este trabalho a todos os povos originários que infelizmente ainda precisam lutar diariamente pelas suas terras, pela sua educação, pelas suas culturas, pela sua saúde, por seus direitos mais básicos e sobretudo, por suas vidas. Pedimos que os dias futuros sejam de paz e de descanso e que suas lutas sejam as nossas lutas. Em especial, dedicamos estas reflexões – configuradas como uma monografia de final de curso – ao povo Yanomami, que atualmente passa por muitos obstáculos e precisam ter suas vozes ecoadas.

AGRADECIMENTOS

Eu, Andrey Barroso de Abreu, agradeço primeiramente a Deus por me capacitar e sempre me ouvir nos momentos que estou só, pensando em desistir; aos membros da minha família pelo apoio moral e por acreditarem nas minhas capacidades que, segundo eles, sempre fui estudioso, esforçado e ajudador.

Quero agradecer principalmente à minha companheira e amor da minha vida Talita Souza Batalha, por ter sido a pessoa quem mais me motivou a continuar escrevendo, a me cobrar que eu descansasse minha mente e meu corpo, a me acolher quando me debulhava em lágrimas e dizia que ia desistir por não aguentar mais.

À professora Ivanete de Freitas Cerqueira, por disponibilizar voluntariamente as obras que foram de extrema importância para formação deste trabalho e as quais usamos com a máxima sabedoria que pudemos ter; à minha maravilhosa amiga Vitória Aline, pela paciência em dar dicas para discorrer alguns conteúdos e formatação, pelos conselhos e por me apoiar quando tive crises e medo de falhar.

A diversos amigos e amigas que contribuíram de forma instantânea em dicas que pudessem enriquecer trechos deste trabalho, em conseguirem perceber erros e métodos os quais não notávamos.

Ao excelente e inspirador orientador Shelton Lima de Souza, pela enorme paciência em nos guiar por esta área a qual desconhecemos e que por mostrar ter uma mente aberta, possibilita explorar os ramos da Linguística, sendo um norte para novos pesquisadores. À professora da disciplina Rosane Garcia, em sua primorosa orientação para ideias, estrutura de trabalho e, claro, pela paciência em nos atender quando possível.

E, por fim, não poderia esquecer da minha parceira de trabalho, Érica Alves, por caminhar junto comigo nesta área que não havíamos pensado em explorar. Todo o *feedback* foi analisado e ponderado para melhor construção deste trabalho, cuja ideia foi promover uma reflexão sobre a situação linguística das Línguas de Sinais Indígenas.

Eu Érica Alves, gostaria de agradecer a Deus por me fortalecer nos momentos de dificuldades e, por me ajudar a passar por todos os obstáculos ao longo do curso.

Aos meus pais, Liberdade e Ivo, e aos meus irmãos que me incentivaram e acreditaram mais em mim do que eu mesma; agradeço a compreensão pela minha ausência durante a realização deste trabalho.

Ao Prof. Dr. Shelton Lima de Souza, nosso querido e incrível orientador, por toda a sua ajuda, pela compressão, pela sabedoria e pelo incentivo, além dos sábios diálogos tecidos.

À Profa. Dra. Rosane Garcia, por todas as explicações sobre este trabalho, pelos ensinamentos durante a disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II e por usar seu bom humor em momentos de tensões.

Aos professores do curso de Letras Libras por todo o conhecimento e a gentileza transmitidos durante o decorrer do curso.

Aos meus amigos, por suas ajudas, ao me resgatarem do espiral de ansiedade durante a escrita deste trabalho.

Ao meu amigo e companheiro de escrita Andrey Barroso pela confiança, pela paciência, pela simpatia e pela persistência.

A Andressa Ramos por seu incentivo, delicadeza e nobreza ao me emprestar seu notebook, além de seu companheirismo todos os dias, principalmente nos dias ruins.

À Prof. Dra. Ivanete de Freitas por sua amabilidade e seu incentivo.

A todos que fizeram este trabalho acontecer, com seus pequenos e grandes ensinamentos, obrigada.

A mim mesma.

*Escreva algo que valha a pena ler ou faça
algo que valha a pena escrever.*
(Autor desconhecido)

RESUMO

Com o crescente número de pesquisas acerca da Língua Brasileira de Sinais (Libras) e de suas variações a depender da região e de usuários específicos, faz-se notar que existem outras línguas de sinais que possuem características distintas das tradicionalmente conhecidas. Com esse fato, há surdos que não têm a Libras como língua materna; exemplo desse caso é a Língua Ka'apor de Sinais (LKS), língua de sinais indígena já identificada/catalogada em Ferreira-Brito (1984), Godoy (2020) e Vilhalva (2009), e, nesse sentido, devido, sobretudo, à inserção frequente dos povos indígenas às instituições de ensino, chegando à esferas de nível superior em que ocorrem pesquisas das mais diversas áreas, estudos voltados para línguas de sinais indígenas estão, a cada dia, sendo realizados. Nesse sentido, este trabalho se configura em analisar os resultados de pesquisa em formato de textos acadêmicos (artigos, dissertações, teses etc.) que se dispuseram a mapear línguas de sinais indígenas ou possíveis produções de sinais presentes nessas comunidades indígenas do Brasil. A partir desse viés, procurou-se, de maneira crítica, discutir as características teórico-metodológicas utilizadas nos seguintes trabalhos sob investigação: Almeida (2019), Azevedo (2015), Coelho (2011), Giroletti (2008), Godoy (2020), Gonzales e Candido (2021), Lima (2013), Soares e Fargetti (2021, 2022), Souza e Cezar (2020) e Vargas e Souza (2019); descrever as/os abordagens/enfoques e os métodos utilizados nesses trabalhos acadêmicos sob investigação; e, por fim, propor um panorama preliminar de línguas de sinais indígenas catalogadas nos trabalhos em tela. A metodologia utilizada para desenvolver a pesquisa que resultou nesta monografia é de base bibliográfica e exploratória, consistindo em um levantamento bibliográfico – com viés crítico - a respeito de línguas de sinais indígenas. Desse modo, o principal resultado deste estudo mostrou a importância de se enfatizar discussões referentes aos trabalhos em questão, tendo em vista que, ainda que sejam poucos – se comparados com os resultados de pesquisa referentes à Libras – apresentam análises com base científica e, nesse sentido, se constituem como exemplos de reflexões importantes sobre línguas de sinais indígenas, concretizando-se em importantes instrumentos de catalogação dessas línguas.

Palavras-chave: Língua de Sinais Indígenas; Surdo; Linguística; Culturas Indígenas.

ABSTRACT

With the growing number of researches about the Brazilian Sign Language (Libras) and its variations depending on the region and specific users, it is noted that there are other sign languages that have different characteristics from those traditionally known. With this fact, there are deaf people who do not have Libras as their mother tongue; example of this case is the Ka'apor Sign Language (LKS), an indigenous sign language already identified/catalogued in Ferreira-Brito (1984), Godoy (2020) and Vilhalva (2009), and, in this sense, due, above all, to the frequent inclusion of indigenous peoples in educational institutions, reaching higher education levels where research in the most diverse areas takes place, studies focused on Indigenous sign languages are being carried out every day. In this sense, this work consists of analyzing research results in the form of academic texts (articles, dissertations, theses, etc.) that were predisposed to map indigenous sign languages or possible productions of signs present in these indigenous communities in Brazil. From this bias, we sought to critically discuss the theoretical and methodological characteristics used in the following works under investigation: Almeida (2019), Azevedo (2015), Coelho (2011), Giroletti (2008), Godoy (2020), Gonzalez; Candido (2021), Lima (2013), Soares; Fargetti (2021) and (2022), Souza; Cezar (2020) and Vargas; Souza (2019); describe the approaches/focuses and methods used in these academic works under investigation; and, finally, propose a preliminary overview of indigenous sign languages cataloged in the works on screen. The methodology used to develop the research that resulted in this monograph is bibliographical and exploratory, consisting of a bibliographic survey - with a critical bias - about indigenous sign languages. Thus, the main result of this study showed the importance of emphasizing discussions referring to the works in question, considering that, even if they are few – if compared with the research results referring to Libras – they present scientifically based analyzes and, in this In this sense, they constitute examples of important reflections on indigenous sign languages, materializing in important instruments for cataloging these languages.

Keywords: Indigenous Sign Language; Deaf; Linguistic; Indigenous Cultures.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

EMEBS	Ensino Fundamental Professor Mário Pereira Bicudo
LIBRAS	Língua Brasileira de Sinais
LKS	Língua Ka'apor de Sinais
LS	Língua de Sinais
LSB	Língua de Sinais Brasileira
LSIs	Língua de Sinais Indígenas
LSKB	Língua de Sinais Ka'apor Brasileira
SKA	Sinais Kaingang da aldeia
SPS	Sinais Paiter Suruí

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	11
2.	REFERENCIAL TEÓRICO.....	14
2.1	LÍNGUA DE SINAIS INDÍGENAS, LSIs, NO BRASIL.....	14
2.2	A LSKB (LÍNGUA DE SINAIS KA'APOR BRASILEIRA).....	17
2.3	POVO XUKURU DO ORORUBÁ E LS.....	19
2.4	OS INDÍGENAS TERENA E A LS.....	21
2.5	O POVO KAINGANG E A LS (SKA).....	23
2.6	SINAIS PRODUZIDOS PELO POVO GUARANI-KAIOWÁ.....	24
2.7	SINAIS PAITER SURUÍ (SPS).....	26
2.8	POVO SATERÉ-MAWÉ.....	28
3.	METODOLOGIA DA PESQUISA.....	31
4.	ANÁLISE DE DADOS.....	34
4.1	LÍNGUA OU SINAIS INDÍGENAS?.....	34
4.2	GEOGRAFIA DAS LSI.....	35
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
	REFERÊNCIAS.....	44

1 INTRODUÇÃO

No Brasil, a língua portuguesa é utilizada pela maioria da população, mas, existem outras línguas utilizadas no dia a dia pelo país, como por exemplo, a Língua Brasileira de Sinais (Libras) e, atualmente, já foram publicados alguns trabalhos sobre línguas de sinais indígenas¹, tais como: Almeida (2019), Azevedo (2015), Coelho (2011), Giroletti (2008), Godoy (2020), Gonzales e Candido (2021), Lima (2013), Soares e Fargetti (2021, 2022), Souza e Cezar (2020); entre outros trabalhos que estão sendo tecidos a partir de pesquisas em comunidades surdas indígenas por todo Brasil. Nesse sentido, faz-se importante compreender e analisar, de maneira geral e panorâmica, como esses trabalhos científicos estão sendo organizados e quais são as características teórico-metodológicas que apresentam, o que poderia fornecer a nós, autores desta monografia, e a outras pessoas que se interessem pelo tema, além de informações gerais sobre formas e maneiras de se descrever e analisar aspectos de línguas de sinais indígenas em diferentes comunidades indígenas pelo Brasil.

Entendemos que este trabalho é de extrema importância para nossa formação acadêmica, considerando, principalmente, se considerar a ideia de que temos de nos tornar pesquisadores na área da Linguística, é indiscutível que em algum momento, surgiriam reflexões – advindas de algumas disciplinas que fizemos no curso de Letras-Libras da Universidade Federal do Acre/Ufac, sobre a existência de outras línguas de sinais presentes no Brasil. Nesse sentido, coube-nos pensar quem são os sujeitos que fazem a utilização dessas línguas, ou se são apenas variações da Libras?

Existem indivíduos surdos em muitos lugares pelo Brasil em diferentes espaços sociais como escola, universidade, igreja, espaços rurais de sociabilidades e, também, comunidades indígenas; nesse último espaço social, como acontece a comunicação dos indivíduos indígenas surdos com família, com amigos, com a escola e com outros sujeitos nos ambientes sociais em que estão inseridos? No contexto indígena, quais são as línguas de sinais usadas por pessoas indígenas surdas? Procuramos refletir sobre essas questões ao longo deste trabalho.

É importante salientar que esta monografia teve por finalidade executar um levantamento bibliográfico-crítico de textos acadêmicos referentes à descrição e à

¹ Doravante LSIs.

análise de línguas de sinais indígenas, visto o seu registro documental no século passado, tendo consolidação no decorrer do tempo.

Com o crescente número de pesquisas em desenvolvimento na área, e as muitas descobertas a respeito de sinais utilizados nessas comunidades, diferentes da Libras, – língua utilizada nos centros urbanos (QUADROS, 2019) é notável que mais trabalhos dedicados à área, especificamente línguas de sinais indígenas, devem ser realizados, visto que, tanto a Libras produzida nos centros urbanos, quanto as línguas de sinais indígenas estão em constante crescimento e novos sinais são localizados constantemente. Usamos o termo ‘localizados’, devido às LSIs já terem sua própria estrutura gramatical e força de perpetuação.

Para se discutir esse tema, percebemos que além da crescente inserção dos povos indígenas nos cursos superiores e de forma geral na educação, abrindo possibilidades às pesquisas de campo e à pesquisa-base de mesma natureza resultante nesta monografia aqui redigida, constatamos a vasta área de conhecimento sobre as LSIs com poucos estudos realizados, pois notamos que esse tema, além de muito interessante, acaba se tornando de extrema importância para os registros das línguas de sinais, dos povos brasileiros como um todo.

Esta monografia busca analisar de forma crítica às perspectivas metodológicas utilizadas em textos a respeito do tema citado, buscando contribuir com ampliação do conhecimento sobre essas línguas e, conseqüentemente, com a ampliação do conhecimento cultural que se pode obter conhecendo essas línguas.

A seguir, estão listados os objetivos gerais e específicos desta monografia: no que se refere ao objetivo geral, analisar, por meio de um levantamento bibliográfico, trabalhos acadêmicos referentes à análise e à descrição de línguas de sinais indígenas. Sendo apresentado o objetivo geral, eis os objetivos específicos, que apresentam não só os olhares dos pesquisadores, como evidenciam as lacunas em relação ao tema, são eles:

- A. Analisar as características teórico-metodológicas dos trabalhos referentes à análise e à descrição de línguas de sinais indígenas;
- B. Discutir as abordagens/enfoques e os métodos utilizados pelos autores nos textos acadêmicos identificados por meio do levantamento bibliográfico;
- C. Propor um panorama dos principais estudos existentes sobre línguas de sinais indígenas no Brasil.

A partir dos objetivos geral e específicos elencados nos parágrafos anteriores, na próxima seção, explicitaremos os referenciais teóricos que serviram de base para a análise dos materiais realizada a partir do levantamento bibliográfico realizado.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Nesta seção, apresentaremos as LSI's mapeadas no país, por meio do levantamento bibliográfico realizado, além de as propostas de análises de seus pesquisadores em relação a essas línguas.

2.1 LÍNGUA DE SINAIS INDÍGENAS, LSI, NO BRASIL

Neste trabalho, iniciaremos a nossa discussão esclarecendo que as LSIs ou produções linguísticas que ainda estão sendo identificadas como línguas não serão definidas como línguas emergentes, como indicou Vilhalva (2009), já que entendemos que não foram línguas criadas para serem utilizadas em uma situação emergente – em uma situação que requeria a produção de uma língua para atender a objetivos específicos, como, por exemplo, as línguas pidgins (COUTO, 1996) -, mas, assim como as línguas de sinais como um todo, inclusive a própria Língua de Sinais Brasileira (Libras) estão em um estado de quase nenhuma visibilidade, sem documentação ou sem estudos, assim como a autora destacou, muito embora a Libras já tenha sido tema, há alguns anos, de trabalhos acadêmicos em crescimento.

As LSIs, embora diferentes da Libras, por terem seus usos restritos a comunidades indígenas e utilizadas por pessoas pertencentes a povos indígenas, também são consideradas línguas, por promover espaços de sociabilidades, além de transmitir conhecimento, visão de mundo e questões culturais de vários povos e, além de, diferentes formas, as LSIs são capazes de transmitir quaisquer especificidades de relação com o mundo proposta por seus usuários (VARGAS; SOUZA, 2019). Outrossim, também exibem estruturas gramaticais e regras específicas, assim como as demais línguas de sinais ou orais.

Assim, como existem inúmeras línguas de sinais, e variedades de línguas de sinais, doravante LS (Língua de Sinais) específicas, como é o caso da Libras, usada no país, também existem várias LSIs (Língua de Sinais Indígenas) no Brasil. Essas línguas ocorrem em diferentes espaços sociais devido às muitas características socioculturais distintas considerando a grande quantidade de povos existentes no país (VARGAS; SOUZA, 2019).

Levando em conta essa pluralidade de LSs criadas em contextos indígenas e a existência de diversas línguas, além da Libras urbanizada (QUADROS, 2019, p. 10),

em virtude disso propomos um levantamento/descritivo e análise de textos científicos publicados acerca de estudos de LSIs, um campo novo e pouco explorado, este levantamento sob o assunto em tela, será feito com base na chamada Linguística crítica, se configurando como uma sub área da Linguística que tem como norte a compreensão de usos linguísticas para além de estruturas gramaticais, e sim compreendendo língua(gens) como formas de estar no mundo e com ele interagir (RAJAGOPALAN, 2003). É diante desse contexto, através da Linguística crítica, que discutiremos semelhanças e diferenças entre os textos sob análise.

No artigo 'Língua de Sinais Indígenas: a diversidade linguística nas diversas etnias', de Gonzales e Cândido (2021), é apresentado um projeto realizado com os alunos do 4º ano e do 6º ano da escola de Ensino Fundamental Professor Mário Pereira Bicudo (EMEBS), localizado em São Paulo, durante o 1º bimestre de 2021. Na pesquisa-base desse artigo, as crianças foram apresentadas a alguns povos indígenas que usam língua de sinais específicas de cada aldeia, como por exemplo, a língua usada por indígenas surdos Urubu Ka'apor, localizados no estado do Maranhão, que utilizam a LSKB (Língua de Sinais Ka'apor Brasileira).

Durante o desenvolvimento do projeto de Gonzales e Cândido (2021), foram apresentados exemplos de outros povos que vêm desenvolvendo LSIs, como o povo Guarani-Kaiowá, que vivem no Mato Grosso do Sul, além de os alunos conhecerem nomes distintos nas comunidades indígenas, como os pesquisadores surdos, Jorge Silva de Azevedo e Shirley Vilhalva, que estão pesquisando LSIs.

Nesse contexto, os estudantes também tiveram acesso a vídeos de sinalização e muitas características sobre os povos indígenas estudados. Além de, também terem visto objetos confeccionados pelos povos citados no artigo e ainda terem conseguido fazer comparações entre as culturas apresentadas e as suas, e tirarem dúvidas sobre as LSIs e suas especificidades.

Ao final do projeto, foi realizado um trabalho com os alunos, que gravaram vídeos sinalizando as semelhanças e diferenças entre as LSIs que eles conheceram, fazendo a utilização de imagens no contexto indígenas. Gonzales e Cândido (2021) discutiram a existência da diversidade de povos e de línguas, além das variedades presentes nas línguas de sinais e a importância de se refletir sobre a acessibilidade linguístico-social para pessoas surdas, especificamente no contexto indígena, como podemos ver no excerto abaixo:

Quando pesquisadores nos trazem, ainda, a existência de diversas outras línguas de sinais de etnias indígenas, as quais precisam ser disseminadas, garantido os direitos linguísticos e culturais dos povos indígenas surdos, instiga-nos ao aprofundamento do tem que se mostra tão vasto. Este serão abordados com outras estratégias de ensino, e aprendizagem, visto a grande diversidade apresentada e o rico material ainda a ser explorado [...] (GONZALES; CÂNDIDO, 2021, p. 51).

Nesse fragmento, podemos ver o quão importante são os estudos desenvolvidos sobre as LSIs, que ainda são poucos. Como já citados, existem variedades em todas as línguas, e não seria diferente nas línguas de sinais, por isso desenvolver estudos voltados especificamente para a área das línguas de sinais nas comunidades indígenas é fundamental para a ascensão e o reconhecimento de cada povo e de suas especificidades.

Azevedo (2015) discute sobre os estudos escassos realizados no campo das LSIs e destaca a falta de dados sobre os sujeitos surdos dentro das comunidades indígenas:

Pouco registro tem-se encontrado sobre índios surdos, muito menos sobre a língua ou a forma desses sujeitos se comunicarem. De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) não há registro sobre índios surdos, nem no Anuário estatístico do Amazonas do IBGE, tão pouco na Fundação Nacional do Índio (FUNAIS), sendo portanto, necessário uma pesquisa *in loco* para a busca desses dados (AZEVEDO, 2015, p. 45).

É perceptível, nesse trecho, no qual Azevedo faz menção à importância de se registrar a existência de indígenas surdos, de vários povos. Azevedo, ao longo de seu texto dá ênfase À LSKB por ser a LSI brasileira mais conhecida, devido, entre outras questões, à sua divulgação em plataformas digitais e em redes sociais como YouTube, Instagram e Facebook e, por conseguinte, ter sido objeto de estudo e pesquisa de alguns estudiosos da área como Almeida (2019), Vilhalva (2009) entre outros. De acordo com Almeida (2019):

[...] as diferenças apresentadas entre os sinais analisados nas duas línguas de sinais [Libras e LSKB] apresentam forte relação com o contexto cultural em que são produzidos. Isso é importante de se destacar, porque, como as línguas orais, as línguas de sinais também subsidiam práticas sociais e, portanto, influenciam e são influenciadas pelos comportamentos sociais (ALMEIDA, 2019, p. 37).

Para Almeida (2019), o meio em que o sujeito surdo está inserido tem influência na criação e na utilização da língua usada para comunicação, seja ela oral

ou visuoespacial, ou seja, a ideia de que a criação das LSIs tem relação com as especificidades de cada povo ganha ainda mais força como já citado anteriormente, tirando de foco a concepção de que essas línguas criadas no contexto de uma comunidade indígena não sofrem influência de aspectos sociais em que os povos estão inseridos ou, ainda, que sejam meras versões informais de uma língua de sinais mais dominante que, no caso do Brasil, seria a Libras.

Ademais, existem registros de outras LSIs de povos menos conhecidos, mas que também fazem o uso de línguas criadas por surdos indígenas na comunidade em questão, como é o caso do povo Xukuru do Ororubá (em Pernambuco).

2.2 A LSKB (LÍNGUA DE SINAIS KA'APOR BRASILEIRA)

A seguir, para iniciar uma discussão sobre a LSKB, transcreveremos um trecho de Godoy (2020) em que o autor faz referência à nomenclaturas adotadas às línguas de sinais, tanto no tocante às indígenas, quanto à mais usada nos centros urbanos:

[...] entre janeiro e fevereiro de 1982, a linguista Lucinda Ferreira passou pelos Ka'apor para estudar a língua de sinais. Kakumasu (1968) havia chamado os sinais ka'apor de "Urubu-Kaapor Sign Language". Ferreira (1984) inicialmente adotou o nome, mas, em seguida, designou-a de "Língua dos Sinais Kaapor Brasileira". Ferreira (2010: 258. N.2) justifica que, como os Ka'apor vivem no Brasil, "sua língua deve ser também considerada brasileira, como a língua de sinais usada nos demais estados do país". Como as duas designações me parecem impróprias, chamo-a de língua de sinais ka'apor. [...] Língua de Sinais dos Centros Urbanos Brasileiros. Ferreira *apud* Godoy (2020), [...] "a língua de sinais dos Ka'apor foi tida como objeto possível de estudo linguístico por Kakumasu antes mesmo de surgir o interesse na língua brasileira de sinais, inaugurado por Lucinda Ferreira" (GODOY, 2020, p. 56-57).

É interessante esse excerto de Godoy, pois evidenciam duas características adotadas temporariamente: a primeira insere o adjetivo 'Brasileira' mesmo que a língua já esteja geograficamente localizada no território brasileiro, e a segunda, da língua de sinais Ka'apor ter sido identificada antes da Libras (na época a Libras teve outro nome como citado) e compreendida sobremaneira, devido à sua própria cultura de aprendizado, desde os primeiros momentos de comunicação do indivíduo, em que, com o tempo, a noção de bilinguismo se torna mais presente entre indígenas ouvintes que também sinalizam:

Por isso, mesmo em aldeias sem surdos, como o caso de Turizinho, há ouvintes competentes na sinalização. O mesmo acontece na aldeia Paraku'y, onde não há surdos, mas há ouvinte que sabem a língua de sinais, tanto pela proximidade geográfica com a aldeia Xie, como pelo fato de Paraku'y descender de Xie (GODOY, 2020, p. 63).

Nas cidades, a expectativa explícita de uma pessoa era falar bem, sendo os surdos alguém considerado “fora da curva, ou seja, deveriam contornar o obstáculo para produzir sons e serem “reinseridos”. Diferentemente do que foi relatado por Ferreira, por meio de Godoy (2020), em que os Ka'apor não excluem quem nasce surdo, o educam com sua língua correspondente (a de sinais) e se comunicam normalmente. Por sua vez, em contextos não indígenas, se alguém não fala, isso pode levar a um isolamento social e a um impedimento de desenvolver a língua de sinais. Por isso, Ferreira observa que embora o mundo dos surdos Ka'apor possa ser diferente do dos ouvintes de mesmo povo, há uma grande interação entre eles.

A pessoa surda Ka'apor, em suas comunidades, não é considerada portadora de uma deficiência que deve ser manejada, mas alguém que requer uma modalidade específica de comunicação. Assim, não surgiu o mal-estar consigo mesmo causado pela surdez (GODOY, 2020). Observando essa questão, vemos a ideia de a comunicação entre os Ka'apor ser levada a duas vertentes, enquanto usuários da língua portuguesa tem a ideia imperativa e engessada de forçar a pessoa surda a se comunicar oralmente, que, por sua vez, entre os Ka'apor, a língua de sinais é tratada como natural e repassada normalmente. Um ponto destacado por Godoy é que há o conhecimento da maioria dos Ka'apor a LS usada por Ka'apor surdos, sendo os ouvintes desse povo exímios usuários da LSI em questão.

Silva de Moura e Gomes (2020) destacam o objetivo que os Ka'apor têm em não se distanciar de pessoa surdas pertencentes ao seu povo, ainda que a ascendência seja diferente, o que não ocorre no “mundo dos ouvintes” não indígenas, que, mesmo usando discursos de “união” e de “inclusão, devido à inúmeras culturas e surgimento de tantas outras, promovem, muitas vezes, os distanciamentos culturais.

O estudo e o registro inicial da LSKB foi feito – pelo menos a nível preliminar – antes mesmos das línguas de sinais produzidas em contextos não indígenas serem estudadas e, por conseguinte, serem reconhecidas. A LSKB já havia sido registrada antes mesmo de a visibilidade pública das línguas de sinais, sobretudo *American Sign Language/ASL*, ter sido possível por meio dos estudos do professor de literatura

William Stokoe, na segunda metade do século XX, que decidiu estudar a língua de sinais americana, por meio de seus parâmetros como comenta Soares e Fargetti (2022).

Nesse sentido, trabalhos como o de Soares e Fargetti (2022), que se propõem a descrever e a analisar pesquisas já realizadas sobre o assunto são importantes para, sobretudo, publicizar discussões ainda pouco realizadas na área da Linguística no que se refere a estudos voltados para as LSIs.

2.3 POVO XUKURU DO ORORUBÁ E LS

Nesta subseção, mencionamos um estudo referente ao povo indígena Xukuru Ororubá que utiliza língua de sinais. Esse povo reside em um conjunto de montanhas, conhecido como Serra de Ororubá, em Pernambuco, desde o século XVI. Segundo Silva de Moura e Gomes (2020), que defendem a importância de discussões a respeito da Interculturalidade nas comunidades indígenas, a forma de produção de sociabilidades no contexto da comunidade Ororubá se dá por meio de uma LS.

Na pesquisa-base descrita no texto de Silva de Moura e Gomes (2020), que é de cunho etnográfico a respeito da educação de alunos indígenas surdos, os autores descrevem que os surdos que vivem juntamente com os ouvintes da comunidade não têm acesso à Libras; a língua falada pela população na comunidade é o português, e algumas palavras de uma língua indígena que foi produzida em tempos remotos na comunidade. Os surdos matriculados nas escolas não recebem o auxílio necessário para conseguir alcançar o bilinguismo, pois os professores não têm conhecimento da Libras, nem da língua de sinais utilizada pelos surdos da comunidade, portanto os alunos surdos normalmente utilizam o método “copia e cola”² na sala de aula, e continuam passando de ano, apesar do atraso em relação à idade, comparado ao desenvolvimento de alunos ouvintes.

Esse é o caso de dois alunos surdos citados no artigo, ambos com idades de 18 anos, que ainda estão no nono ano do Ensino Fundamental. Esses alunos se comunicam por meio de sinais utilizados por eles. Silva de Moura e Gomes (2020) postulam que a Libras deva ser ensinada nas escolas para alfabetização dos alunos surdos, porém são poucos estudos desenvolvidos sobre a LS falada na comunidade.

² Referência a métodos tradicionais de ensino em que se utilizam de cópias de textos prontos para o ensino e a aprendizagem de conteúdos escolares.

A partir dessa explanação de Silva de Moura e Gomes (2020), tendo em vista que há dois estudantes indígenas surdos que produzem sinais entre si para se comunicar, é possível hipotetizar, o que careceria de fundamentação por meio de uma investigação científica aprofundada, sobre a possibilidade de haver uma língua de sinais na comunidade, tendo em vista que a presença de surdos nesse ambiente é grande, como constatam os autores do texto. Segundo Pinker (2002), que menciona a produção de línguas de sinais em países da América Central, onde há surdos, há formação de línguas de sinais.

Silva de Moura e Gomes (2020) defendem a proposta do ensino na escola por meio de práticas interculturais entre estudantes indígenas surdos e estudantes indígenas ouvintes, mas para que isso se efetive, faz-se necessário o estudo da LS produzida pelos indígenas surdos da escola, como os autores mencionam:

Os registros das línguas de sinais são de fundamental importância para a construção de diálogos interculturais considerando a cultura e identidade dos povos indígenas do Brasil. Com efeito, o registro e a documentação das línguas de sinais indígenas demonstram claramente que as linguagens gestuais possuem epistemologias que revelam as próprias maneiras dos surdos ao ver, pensar e compreender as relações com o mundo (SILVA DE MOURA; GOMES, 2020, p. 42).

Mesmo com esse excerto, é possível inferir do artigo dos autores, que não se trata de um trabalho acadêmico referente à descrição linguística ou em qualquer pesquisa teórica da área da Linguística, o desejo de se pensar a implantação da Libras para educar os alunos surdos indígenas da comunidade em tela. A nossa inferência também se justifica por meio do fato dos autores Silva de Moura e Gomes também mencionarem, segundo eles, a necessidade de se capacitar os professores da comunidade em Libras. Essa postura mostra que Silva de Moura e Gomes não concebem a produção linguística dos surdos da comunidade como língua, querendo, para sanar o que consideram como um problema, a implantação da Libras.

Inferimos que, para esses autores, os dois surdos que se comunicam não o fazem em uma língua de sinais o que, para nós, a partir de uma perspectiva linguística, é uma ação grave, tendo em vista que como qualquer linguista, se faz necessário estudar a língua nativa dos indígenas surdos com os quais se tenha contato para que, desse modo, se possa pensar em práticas interculturais de ensino. Nesse sentido, consideramos importante a reflexão proposta por Soares e Fargetti (2020) no tocante a: “defender letramento em sua língua nativa, que possivelmente existe” (SOARES;

FARGETTI, 2020, p. 10). Assim, por meio dessa reflexão de Soares e Fargetti entendemos que, a princípio, seja possível criar materiais didáticos com a própria língua do surdo que no caso são os Xukuru³.

2.4 OS INDÍGENAS TERENA E A LS

Segundo o censo de 2010 (IBGE), os Terena estão localizados nos estados de Mato Grosso do Sul, contabilizando um total de 28.845 homens e mulheres. A respeito desse povo, Sumaio (2014) realizou uma pesquisa de campo na comunidade de Cachoeirinha, próximo ao município de Miranda, em Mato Grosso do Sul. Nessa comunidade, a língua indígena Terena é bastante utilizada, além disso, também foram identificados grupos de surdos indígenas que usam uma língua de sinais própria. A pesquisadora esteve com alguns surdos da comunidade que se comunicavam em Libras e faziam um pouco de leitura labial do português, assim como da língua Terena oral, com um pouco de dificuldade. Conforme explica Sumaio (2014):

Percebi que a comunidade necessita e deseja muito ter professores e intérpretes autóctones, capacitados para atender a esses surdos terena da melhor maneira possível, interpretando as aulas e respeitando sua cultura surda e também indígena (SUMAIO, 2014, p. 12).

Para Sumaio, os sinais Terena produzidos por indígenas surdos não sofreram influência da língua oral da comunidade, nem da Libras; o grupo de surdos que participou da pesquisa da autora estudava na escola da cidade e devido ao método “copia e cola”, alguns conheciam um pouco sobre a estrutura do português e sabiam oralizar algumas palavras oriundas dessa língua. Mas, apesar disso, os usuários da possível língua não utilizaram a Libras, ou a língua portuguesa e nem a língua oral Terena para criação dos sinais, por isso “[...] existem surdos que não tiveram escolaridade e se expressam de uma outra forma que aparentemente não é a língua de sinais brasileira [...]” (SUMAIO, 2014, p. 14). E, devido a esse fato, Sumaio propôs um estudo morfossintático aprofundado para se investigar os sinais produzidos por

³ Como não foi identificado um estudo sobre a existência de uma língua de sinais indígena produzida pelo povo Xukuru do Ororubá, para efeitos de referência, usaremos o nome do povo para se referir à língua. Por isso, a nossa leitura do texto de Moura e Gomes (2020) parte de uma perspectiva hipotética com base em conhecimentos linguísticos teoricamente fundamentados por meio da Gramática Gerativa em que se afirma que qualquer ser humano tem uma base mental/cognitiva para o desenvolvimento de línguas (PINKER, 2004).

esses indígenas que, de acordo com a informação presente em Sumaio (2014), trata-se de um estudo em andamento, ainda sem resultados divulgados.

Além do trabalho de Sumaio (2014), identificamos o uso de sinais Terena em histórias em quadrinhos desenvolvidas em um projeto com os surdos desse povo. Souza e Cezar (2020) desenvolveram um projeto de produção de uma HQ em contexto plurilíngue, com foco na língua de sinais Terena, adaptando o material, também, para a Libras, para a língua oral Terena e para o português. Essa HQ conta a história de uma Pajé surda que se comunica com seus ancestrais em LS:

Iniciei, em 2018, os estudos teóricos sobre a construção de narrativas visuais como instrumento de ensino para surdos sobre a história e a cultura das línguas de sinais indígenas terena e guarani. Nela, objetivamos criar uma história em quadrinhos envolvendo a língua de sinais terena para valorização e para preservação da cultura e história do povo terena, bem como da língua de sinais de que fazem uso os indivíduos surdos pertencentes a essa comunidade [...] (SOUZA; CEZAR, 2020, p. 186).

A história está disponível no site da livraria *Letraria*, e tem como título “Sol: a pajé surda”. Além da óbvia importância da valorização do povo terena, essa HQ também reconhece e exalta uma língua de falantes que são minorizados devido ao seu contexto de surdez:

[...] observa-se que as línguas de sinais têm estudos recentes, tal língua é considerada língua de minoria. Em consonância com esses dados, nesta mesma esteira de pensamento encontramos as línguas indígenas, revelando uma fragilidade imensa em um contexto das maiorias linguísticas (SOUZA; CEZAR, 2020. p.189-190).

É indiscutível que ainda existem divergências – em muitos casos divergências sem um embasamento científico – a respeito dos sinais Terena serem considerados uma língua ou uma possível língua independente, o que entendemos que é uma contribuição da Linguística mostrar como essas produções realizadas por surdos têm uma base linguística e não se tratam, pelo menos a nível de hipótese, de sinais isolados ou sem sistematização. Assegurar os direitos linguísticos dentro de comunidades indígenas e a valorização de suas línguas orais se torna ainda mais difícil, quando se trata de uma língua indígena sinalizada, que são naturais, porém não tem sua existência valorizada e reconhecida (SOUZA; CEZAR, 2020). Logo, ainda existe muita escassez quanto aos registros dessa língua entre os Terena e línguas de tantos outros povos que estão sendo e ainda serão citadas neste trabalho.

2.5 O POVO KAINGANG E A LS (SKA)

Indo na contramão do exposto até o momento, em que identificamos nos trabalhos mencionados, até então sujeitos surdos indígenas que estão localizados majoritariamente em regiões do Brasil consideradas muito afastadas dos grandes centros, de pouco acesso, e, desse modo, com produções linguísticas pouco estudadas, o texto de Giroletti (2008) se refere a indígenas Kaingang surdos que estão localizados na cidade de Ipuçu, oeste do estado de Santa Catarina. A pesquisa-base do texto de Giroletti é com estudantes Kaingang surdos que foram matriculados em uma turma multisseriada⁴ bilíngue, contendo a presença de tradutores-intérpretes de línguas de sinais. Apesar de haver indígenas Kaingang surdos nas comunidades desse povo, o registro de estudantes Kaingang surdos somente foi possível após o cadastramento das famílias locais para identificar deficiências, diferenças quanto à aprendizagem e de linguagem, sendo os indígenas Kaingang surdos identificados como aqueles que não falavam ou crianças especiais, conforme explica Giroletti (2008).

De acordo com essa autora, a pergunta motivadora de sua pesquisa sofreu alterações, até chegar ao ponto de se responder à questão de que se há sistematização dos sinais produzidos pelos estudantes surdos e quais elementos linguístico-culturais que constituem as identidades dos estudantes Kaingang surdos que se relacionam e se fundem com a Libras.

A dissertação de Giroletti tem como base uma pesquisa-ação, em que a pesquisadora esteve dentro da escola e teve a experiência de atuar como professora bilíngue contribuindo, ela mesma, com a pesquisa, envolvida diretamente na comunidade Kaingang em que realizara o trabalho de investigação. Segundo Giroletti, ela observou o uso da LSB⁵, de forma simultânea ou de forma mesclada com a língua de sinais produzidas pelos estudantes Kaingang em variados contextos escolares nos quais, a cada produção linguística, surgiam sinais inter-relacionados aos ambientes de produção em que a pesquisadora estava imersa. Notou-se também a presença frequente de surdos e ouvintes ensinando LSB na turma quando algum professor faltava, tendo em vista que quando os professores estavam, os professores Kaingang

⁴ Neste caso em específico, há anos escolares diferentes em uma mesma turma.

⁵ LSB pois a autora assim o usa. E a sigla equivale a Libras, a qual conhecemos.

indígenas, se predominava ações de sociabilidades por meio das oralidades na língua Kaingang.

Assim como o trabalho de Silva de Moura e Gomes (2020), a dissertação de Giroletti (2008) é da área de educação e, por isso, não há um estudo sistemático dos sinais produzidos pelos estudantes Kaingang surdos. Desse modo, o foco da autora foi em analisar as características identitárias dos estudantes, enfatizando o uso da LSB/Libras entre os estudantes indígenas em tela. Para a autora, devido ao constante contato com a LSB, baseando-se nas identidades dantes especificadas por Perlin (1998), identificou cinco identidades consideradas relevantes para a análise dos contextos sociais na escola dos estudantes Kaingang surdos: (*Identidades Surdas transformadoras* – os surdos da pesquisa; *Identidades Surdas “Especiais”* - pois não falam a língua oral, mas aprenderam a falar com as mãos em sinais; *Identidades Surdas Duplas Culturas* – duplicidade de identidade; *Identidades Surdas Revigoradas* - surdo independente, pois possuem seu próprio jeito de “se virar”, sendo suas ações interpretadas como marcas de rudezas às vezes.⁶

2.6 SINAIS PRODUZIDOS PELO POVO GUARANI-KAIOWÁ

No Brasil, os três grupos chamados genericamente de Guarani (Os Chiripá ou Nandeva, os M'byá e os Kaiowá) compõe o grupo indígena mais numeroso do país. Apenas no estado de Mato Grosso do Sul, dos 73 mil indígenas que habitam essas terras, 44.351 pertencem ao povo guarani. Hoje, a maior parte dos grupos guarani está confinada em pequenas reservas ou aldeias, sob a proteção do estado, e muitas vezes dividem esta terra com indígenas de outra etnia, como os Kaingang, os Terenas e os Xokleng (CHAMORRO, 2008, p. 47 *apud* COELHO, 2011, p. 70).

Considerando a localização descrita por Coelho, a autora realizou uma pesquisa de campo em alguns municípios do estado do Mato Grosso do Sul, em que residem os Kaiowá – subgrupo do povo Guarani – como Amambai, em que visitou a aldeia Guarani-Kaiowá de mesmo nome da cidade e a escola Mbo'eroy Guarani, além de ter tido contato com indígenas desse povo na cidade de Paranhos, na aldeia Paraguassu, sendo que em Coronel Sapucaia, visitou a aldeia Taquaperi. Durante a estadia da pesquisadora nesses locais mencionados, foram identificadas algumas crianças surdas, e que, por isso, foram analisadas informações obtidas nas escolas

⁶ Tendo em vista que, a priori, não é intuito deste trabalho analisar característica identitárias de comunidades surdas indígenas, não teceremos mais considerações sobre a classificação identitária proposta por Perlin (1998) e Giroletti (2008).

no tocante a profissionais, como tradutores-intérpretes, que trabalhavam juntamente com essas crianças surdas, além de serem identificadas deficiências entre crianças indígenas. De acordo com Coelho: “Nestas visitas também aproveitamos para identificar as deficiências que possuíam as crianças e adolescentes indicados tanto pelos órgãos de saúde como pelas escolas [...]” (COELHO, 2011, p. 58).

Segundo a análise de dados de Coelho, expostas em quadros ilustrativos é possível perceber que a maioria dos surdos com os quais a pesquisadora teve contato se encontra fora da escola ou não chegou a frequentá-la em nenhum momento, além de não usarem a Libras, utilizando, para se comunicar, sinais que Coelho os intitula de “Sinais caseiros”. As idades dos sujeitos de pesquisa interagentes com Coelho variam de 4 até trinta 30 anos de idade, sendo que, das oito pessoas surdas que foram contatadas nesses três municípios já citados, seis deles foram diagnosticados com surdez, enquanto dois deles embora não ouçam sons, não tiveram a sua situação avaliada por médicos.

Dando continuidade ao tema da forma de produção de sociabilidades por meio de línguas dos Kaiowá, Lima (2013) realizou, assim como Coelho (2011), um estudo de campo com crianças surdas desse povo, residentes em comunidades indígenas da cidade de Dourados/MS; a autora efetuou visitas às famílias e às escolas dessas crianças. Essas visitas ocorreram nas Aldeias Bororó e Jaguapiru e em uma das escolas municipais da região, localizada na Missão Caiuá, também em Dourados. Foram entrevistadas 5 crianças surdas, de dois a doze anos de idade, sendo que dessas cinco 5 crianças, apenas uma delas tinha o conhecimento da Libras (ainda estava sendo letrada), enquanto as demais se comunicam por apontamento ou o que Lima (2013) intitulou de sinais caseiros:

Com base nas representações da cultura guarani-kaiowá sobre a surdez, as observações de campo e os relatos denotam que as formas de interação e comunicação estabelecidas entre as crianças indígenas surdas e entes familiares são comunicações restritas, marcadas por preocupações, superproteção, e utilizadas de forma aligeirada e instrumental para atender a necessidades momentâneas, que não contribuem para apreensão do mundo, desenvolvimento da linguagem, constituição de identidade, e fundamentalmente para assimilação das peculiaridades culturais em que estão inseridas [...] (LIMA, 2013, p. 77).

Por meio do excerto de Lima acima, podemos perceber que os estudantes surdos entrevistados carecem de atenção especial, tanto na área educacional – reconhecendo sua forma de comunicação – quanto na área da saúde e em contexto

familiar. Uma das crianças entrevistadas era cuidada pela irmã mais velha, pois os pais faziam consumo constante de álcool; outra criança estava em uma casa de custódia por ter sido agredida pelo pai e, após isso, o seu progenitor a abandonou. Dessa forma, muitas dessas crianças têm pouco contato com a família, pois a comunicação é restrita – tendo em vista a condição de surdez da criança – e, além disso, o povo Kaiowá desenvolveu formas de ação específicas – oriundas de conhecimentos mitológicos – em relação a crianças que nascem com surdez ou com alguma deficiência.

Em relação à compreensão da existência de entidades não terrenas, na natureza divina e nos saberes desenvolvidos por meio de contextos mitológicos e culturais, nas quais os Kaiowás acreditam receber bênçãos ou castigos, reveladas em seu nascimento, “[...] a palavra é a alma guarani, definidora da vida e da morte. Sem poder se comunicar e expressar por meio da palavra e da fala, o sujeito surdo deixa de ser reconhecido como pertencente à comunidade [...]” (LIMA, 2013. p. 77).

Lima (2013) também concluiu que os surdos Kaiowá utilizam o que ela chama de sinais caseiros para comunicação, criados de forma imediata para suprir a necessidade de interação para uma situação específica, normalmente no ambiente familiar:

[...] os gestos, as senhas e os poucos sinais da Libras aprendidos na escolarização/inclusão de surdos na escola não favorecem a formação das identidades surdas e indígenas. Para tanto, há necessidade de ampliação das formas de interação e comunicação para o desenvolvimento linguístico, aquisição de conhecimentos e participação sociocultural nos contextos familiar, escolar e comunitário (LIMA, 2013, p. 109).

No mais, faltam estudos mais aprofundados e recentes nessa comunidade para analisarmos atualmente o estado dos sinais apontados por Lima, que podem estar ou não mais desenvolvidos, ou se ainda permanecem sendo utilizados apenas dentro de casa com os familiares.

2.7 SINAIS PAITER SURUÍ (SPS)

O povo Paiter Suruí reside na Terra Sete de Setembro no estado de Rondônia, nos municípios de Espigão do Oeste, Cacoal e Ministro Andrezza; eles falam uma língua intitulada de Paiter Suruí do tronco Tupi, e a língua portuguesa como L2

(segunda língua). Essa comunidade teve contato com a cultura do homem branco como cita a autora:

Desde o encontro entre os Paiter Suruí e o homem branco entre as décadas de 60 e 70, pode-se dizer que muito foi modificado no modo de vida desse grupo de indígenas que luta por proteger seu território, sua cultura, e para preservação da sua diversidade cultural (ELER, 2017, p. 66).

A autora que realizou sua pesquisa nas comunidades Paiter foi até as escolas observar o cotidiano escolar dos alunos surdos e sua interação com os estudantes ouvintes, além disso, também dialogou com os pais desses alunos e seus professores. Durante a interação com os familiares, Eler (2017) percebeu que eles se sentiam desconfortáveis com o termo 'surdo', e preferiam evitá-lo ou substituí-lo informando que o(a) filho(a) já tinha nascido dessa forma.

Na escola os alunos surdos têm uma boa relação com os alunos ouvintes e interação entre eles com alguns sinais, na sala de aula observada tinha dois alunos surdos, os mesmos participavam das atividades e o contato com seu par era maior, mais havia comunicação com o restante da turma também. A pesquisadora juntou os alunos com surdez em uma sala de aula e apresentou alguns vídeos com lendas indígenas produzidos pelo Instituto Nacional de Educação dos Surdos (INES), onde crianças dramatizavam.

Durante esse encontro a autora mapeou alguns sinais Paiter Suruí do contexto escolar e em outro, de contexto indígena, sempre com agrupamentos bem interativos e brincadeiras com aspectos visuais para que todos os alunos participassem. Uma característica muito importante é que a pesquisadora não utilizou a Libras durante o mapeamento dos sinais Paiter. Para que não houvesse nenhum tipo de influência de sinal, ela fez o uso de imagens, dramatizações e apontamentos para conseguir se comunicar e registrar os sinais.

Foi possível notar que o povo Paiter Suruí utiliza bastante recurso visual para a construção dos sinais, da mesma forma que recursos culturais de seu ambiente. Portanto:

A forma como a pessoa surda apreende o mundo ainda é vagamente pesquisada, mas já se tem resposta em relação à importância que o visual tem no processo de aprendizagem da pessoa surda, sabendo-se que uma das marcas da identidade surda é a cultura visual, visto que é por esse canal que o conhecimento chega a esses indivíduos [...] (ELER, 2017, p. 109).

Eler (2017) também acredita que os sinais produzidos por esse grupo são naturais e não sofrem influências de outras LSs ou línguas orais.

[...] Ao analisar os sinais produzidos por eles, conseguimos nos certificar de que o significado semântico da língua oral indígena não exerce influência na construção dos SPS, a criação dos sinais se aproxima mais dos ícones que as palavras representam ou das ações que incorporam. O que também mostra a não influência da língua escrita, tanto da portuguesa quanto da Paiteir, na formação dos sinais. Certificou-se que na construção dos SPS não aparecem letras do 'alfabeto datilológico em nenhum sinal como acontece nos sinais da LIBRAS que no sinal de flor, por exemplo, tem-se a configuração de mão em "F" [...] (ELER, 2017, p. 109).

Eler (2017) finaliza afirmando que os indígenas surdos da comunidade Suruí criaram sinais as quais apresentam as mesmas estruturas assim como a língua utilizada por comunidades surdas dos centros urbanos, doravante Libras, mesmo estando em áreas isoladas esse povo promoveu a produção linguística, permitindo a comunicação entre eles.

2.8 POVO SATERÉ-MAWÉ

Azevedo inicia a discussão linguística das línguas de sinais presentes no Brasil no sentido legislativo e histórico-documental, usando de leis da qual mostra conquistas e abrangências destas leis (estatuto do índio e a Lei de Libras) e registros de documentos mostrando como linguisticamente estas línguas de sinais constituem como língua seguindo 'critérios' estabelecidos por linguistas, seja no âmbito mundial, por William Stokoe, seja nacional, por Quadros e Karnopp, dentre outros tantos nomes que não caberiam citar devido ao distanciar do objetivo desta pesquisa.

[...] a maior parte das línguas nasceu do contato entre duas ou mais línguas ou de uma língua e sistemas de sinais caseiros (Língua de Sinais Primária). Observa-se que "sinais caseiros ou Língua de Sinais Primários correspondentes aos gestos ou construção simbólica inventadas no âmbito familiar; é comum a constituição de um sistema convencional de comunicação entre mãe-ouvinte e criança surda" (SOUZA; SEGALA 2009, p. 28 *apud* AZEVEDO, 2015, p, 29).

Este excerto, usando a percepção de Souza e Segala (2009), mostra o diferencial de Azevedo em relação aos outros autores, expondo todo o panorama que os indígenas surdos se encontram, e não somente isso, enfatiza também a carência de pesquisas para esta área.

Os Sateré-Mawé tinham sistema linguístico bem distinto das demais etnias, porém, devido à invasões dos Europeus e as doenças advindas deles, desconhecidas para os indígenas, forçou este povo à ter contato com outras etnias e propriamente o português, assim, alterando um pouco sua língua, modificando parte de sua identidade.

Apesar de muitas mudanças lexicais, o povo Sateré-Mawé é exemplo em questão educacional indígena (AZEVEDO, 2015), com considerável intenção de frequentar a escola, ainda que o nível de escolaridade não seja alta (não se sabe o motivo ao certo) e seja no 'modelo de branco', provocando perda parcial de cultura Sateré, e gerando processo de exclusão, estando em contraponto a resolução 11/2011, da qual garante não só educação como preservação das línguas e identidades, garantia legal esta, desconhecida pelas escolas. Outro fator que contribui ao baixo nível de escolaridade, é o investimento do poder público apenas nas séries iniciais, poucos professores indígenas formados, justamente para preencher a lacuna das séries finais e ensino médio, desassistida pelo poder público.

Na questão da coleta de dados, o autor encontrou dificuldades, pois os alunos surdos (2) os quais seriam potenciais objetos de estudo (no primeiro município pesquisado), apenas um estava frequentando o nível pré-escolar. E agravando a coleta, os familiares desta criança surda não eram alfabetizados nem na língua nativa, tampouco no português. Assim, sua forma de comunicação com a criança é via gestos familiares, isso sim, pode ser considerado sinais emergentes, pois ninguém ali sabe língua de sinais. Mas o autor, sugere que a Libras seja ensinada para a criança que, segundo ele, baseando numa citação de Quadros (2008), está próximo ao período limite de aquisição da linguagem⁷, e que, sem adquirir uma língua, poderá ter prejuízos significativos na comunicação.

Então, depois de todo o panorama, das dificuldades, logo no primeiro exemplo, há uma imposição de uma língua de sinais que foge da identidade surda do indivíduo em si. O que não precisou ser dito novamente, pois os outros nove indivíduos surdos encontrados (seja qualquer meio que foram identificados) não frequentaram a escola, seja por idade avançada, localização, escolas que não têm profissionais específicos para atendimento especial. Não se encaixaram nos filtros da pesquisa.

⁷ Tomemos sempre como parâmetro/objeto principal, o processo de recepção e expressão infantil, ou seja, influência do vocabulário de adultos mais ressignificação por parte da criança.

Mesmo diante destes casos, os que estão dentro da área escolar, além da possibilidade de serem bilíngues, tem a chance de serem trilingues, pois, além da língua de sinais, a língua da etnia, terá aquisição também da língua portuguesa na modalidade escrita.

3 METODOLOGIA DA PESQUISA

Esta seção se configura como uma descrição da proposta metodológica desenvolvida neste trabalho para a geração e a análise de dados a serem discutidos nas seções posteriores.

De acordo com Gerhardt e Silveira (2009), a metodologia é o caminho escolhido pelo pesquisador para se chegar aos resultados finais da pesquisa, muitas vezes confundidos com os métodos e a parte teórica do trabalho. No entanto, é importante salientar que é na metodologia em que são descritos os métodos de análise, o tipo de pesquisa e as informações sobre o objeto de pesquisa; ou seja, a descrição do meio para se chegar ao fim que são os resultados de pesquisa.

Nesse sentido, esta monografia é a base para a realização de uma pesquisa que consistiu no levantamento/descrição e na análise de alguns trabalhos já existentes sobre LSIs, tais como: Almeida (2019), Azevedo (2015), Sumaio (2014) que tratam sobre a natureza linguística de algumas LSIs. Coelho (2011), Silva de Moura e Gomes (2020) e Lima (2013) que discutem o sujeito indígena surdo e sua relação com a educação escolar. Pinker (2004), Ferreira-Brito (1984), Giroletti (2008), Godoy (2020), Pereira e Pereira (2014), Eler (2017), Quadros (2019) e Vargas e Souza (2019) que refletem sobre a constatação de que os povos indígenas e, sobretudo, sujeitos indígenas surdos têm cultura e têm língua de sinais própria, mesmo que sua localização seja distante dos grandes centros urbanos. Gonzales e Cândido (2021), Vilhalva (2009) que discorrem sobre o questionamento que traçamos neste trabalho sobre as línguas de sinais indígenas serem emergentes ou não emergentes. Soares e Fargetti (2021, 2022) que abordam a intenção de encerrar os preconceitos linguísticos contra os surdos indígenas; e, por fim, Souza e Cezar (2020) que desenvolvem uma proposta de ilustração, com o intuito de valorizar as LSIs.

Este trabalho é de natureza aplicada, tendo em vista a produção de reflexões por meio da redação de processos já adotados e abertura para o desenvolvimento e/ou junção de procedimento de pesquisa, com base em monografias, artigos, dissertações, teses e outros trabalhos de base científica, tendo a possibilidade de inovação ou de desenvolvimento de análise de métodos (OLIVEIRA, 2019) no propósito de compreensão, de descrição e na tentativa de explicar a forma que foram tecidos os estudos sob análise (FLICK, 2007).

Em propostas de pesquisa como a que é a base desta monografia, precisamos, enquanto pesquisadores, nos familiarizar com áreas de investigação com o objetivo de se expandir o conhecimento e se refletir sobre ele, ainda que possua poucos exemplares de estudos sobre LSIs, sendo o fenômeno linguístico-social em tela ainda pouco explorado, se consistindo em peça chave para andamento de reflexões, visto que durante as discussões, há a constatação de trabalhos concluídos e/ou em andamento e muitas especulações devido ao pouco contato; esses fatores destacados, dentre tantos outros, entram no filtro da análise (GONÇALVES, 2003 *apud* OLIVEIRA, 2019).

Quanto aos objetivos da pesquisa concernente a esta monografia, eles são de base exploratória, fomentado a familiarização do pesquisador ao fenômeno em investigação e a descrição do fenômeno investigado, registrando as observações. Após o registro, questionar fatores contribuintes da ocorrência deste fenômeno, (OLIVEIRA, 2019; GIL, 2008) estaremos demonstrando uma proposta de comparação entre os textos mencionados no segundo parágrafo desta subseção.

A pesquisa-base desta monografia é de abordagem qualitativa, buscando não a apresentação de resultados provenientes de geração de dados em espaços específicos de atuação do pesquisador, mas como Flick (2009) discute, o foco é na análise e na reflexão feita por autores que já desenvolveram resultados de pesquisas científicas para mostrar diversas perspectivas sobre determinado assunto, no caso deste trabalho são perspectivas descritivo-analíticas sobre a LSIs, trazendo variedades nas abordagens e nos métodos de estudos realizados, realçando a produção de conhecimento. Pela base qualitativa (FLICK, 2009), buscamos olhar o enfoque dos autores, em relação as metodologias de pesquisa utilizadas no texto.

Devido ao pouco tempo disponibilizado para a realização da monografia, elegeu-se a revisão bibliográfica, tendo em vista que não seria possível produzir uma pesquisa de campo para produção de dados. Assim sendo, este estudo terá como fonte de dados os textos de teor científico que ainda são poucos, tendo em vista o assunto LSIs ser pouco explorado pela área da Linguística.

Yin (2016) afirma que é necessário haver cuidado no momento de se fazer uma revisão de literatura, pois dependendo da “lente” usada, ou seja, o que se escreve sobre outras culturas, povos, sociedades, sociabilidades outras etc. que, de algum modo, é distante das realidades do pesquisador, podem transparecer preconceitos ou juízos de valor no momento da comparação dos dados, mais especificamente na

forma em que as informações vinculadas pelos textos são comparadas, postas em relação umas com as outras.

O cuidado relatado por Yin (2016) tende a não ser observado, pois os pesquisadores que escrevem os seus resultados de pesquisa precisam executar leituras de variadas fontes referentes ao mesmo assunto para deixar explicadas aos leitores as justificativas para o desenvolvimento do trabalho.

Sampieri, Collado e Lucio (2013) descrevem a respeito do procedimento e dos requisitos que um instrumento deve ter na mensuração dos dados. Em outras palavras, de acordo com esses autores, se forem apresentados muitos resultados, em momentos diferentes com o mesmo método, em uma forma de divulgação de resultados de pesquisa em momentos diferentes, é necessário questionar os dados. Dessa forma, entendemos que, para esta monografia, que culminou em um estudo sobre trabalhos científicos publicados referentes às LSIs, fez-se necessário um levantamento cuidadoso e pormenorizado dos trabalhos que já existem e que foram publicitados na internet, mais especificamente em sites que promovem a divulgação de resultados científicos na área da Linguística e nas áreas correlatas.

4 ANÁLISE DE DADOS

Esta seção é a exposição da análise referente aos trabalhos identificados sobre LSIs. Ao longo das subseções, tecemos considerações a partir dos resultados de pesquisa divulgados em sites de pesquisa destinados à divulgação de trabalhos acadêmicos.

4.1 LÍNGUAS OU SINAIS INDÍGENAS?

Na contemporaneidade, as línguas de sinais são utilizadas como formas de comunicação – ou mais precisamente como formas de produção de sociabilidades, de comunidade surdas específicas que utilizam o campo visual como principal modalidade para exercer a transmissão de informações, troca de experiências, no âmbito formal e informal, diálogos, educação etc. A Libras, uma dessas línguas de sinais, foi reconhecida como língua das comunidades surdas no Brasil por meio do Decreto nº 5.626, da Lei nº 10.436, de 2002 – conhecida como lei da Libras –, que, dentre outras coisas, visa à educação do nível infantil ao superior – e acesso à comunicação – de pessoas com surdez. Nesse ínterim, as línguas de sinais estão se tornando cada vez mais um meio de inclusão tanto nas comunidades sociais em que são produzidas, como em outros espaços sociais como escolas, universidades, igrejas, instituições públicas etc., fazendo com que os usuários dessas línguas consigam se expressar e transformar os ambientes em que vivem. Conforme afirma Coelho (2011) no tocante à importância da Lei da Libras:

[...] entre as recomendações contidas no documento, se encontram orientações para a inclusão da LIBRAS nas estruturas curriculares dos cursos de formação de professores, a formação dos profissionais da educação e outras áreas para o atendimento à pessoa surda e a organização escolar para a garantia do direito à educação [...] (COELHO, 2011, p. 109).

Visto que o português não é a única língua falada no Brasil, é compreensível questionarmos a existências de outras línguas de sinais, que não sejam apenas variações da Libras; é devido a esse questionamento que muitos pesquisadores da área realizaram – ou estão realizando – investigações, trabalhos e estudos, a fim de constatar línguas de sinais para além da Libras e de suas variedades.

Como já mostrado, na seção 2 deste trabalho, a LKS, produzida por indígenas Ka'apor surdos, é a língua indígena de sinais mais conhecida hoje no Brasil, tendo em vista o início de sua documentação ter se dado antes mesmo dos estudos sobre a Libras. Como vimos, ainda na seção 2, existem, além da LSKB, outras línguas de sinais indígenas, cujas informações foram obtidas por meio de trabalhos acadêmicos disponibilizados na internet em sites de divulgação de estudos científicos.

Logo de início da pesquisa bibliográfica proposta, percebemos que há poucos registros disponíveis sobre o tema escolhido, deparando-nos com certa escassez devido às LSIs serem consideradas uma novidade no âmbito das pesquisas linguísticas. Apesar dessa escassez, conseguimos analisar algumas teses, dissertações, artigos já publicados a respeito desse tema, resultando em um total de 16 textos analisados, identificados em sites de divulgação de textos acadêmicos como Google Acadêmico, SciELO, revistas eletrônicas (MAI, Parábola, Educação, Pesquisa e Inclusão, LIAMES, Njinga & Sepé: Revista internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras, Revista X, DNA da Educação), Scribd, arquivos de instituições (UFAC, UFSC, UFGD, UFRJ, UnB, UEA, Unesp), e o site da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior/Capes.

A partir dos textos identificados, mapeamos as LSIs registradas nesses trabalhos, podendo verificar que há línguas “em desenvolvimento”, que ainda não são consideradas línguas ou receberam a alcunha de ‘sinais caseiros’. A maioria dos textos não são atuais e registram dados de alguns anos atrás. Esse fato é importante, pois mostra como é significativa a urgência e a importância de se realizarem trabalhos de campo nessas comunidades, a fim de se acompanhar o andamento dessas línguas de sinais, sua trajetória, construção de estruturas, a relação ou não relação com a cultura etc. Certamente é de conhecimento geral que as línguas orais indígenas estão desaparecendo e/ou entrando em processo de extinção, por muitos motivos, como a falta de valorização dos povos indígenas, a falta de falantes pelo contato com outras culturas entre outros, o que imediatamente nos faz refletir nas LSIs que são ainda menos citadas/registradas.

Identificamos, ao longo da análise dos trabalhos, alguns povos indígenas, com enfoque nos indígenas surdos, que produziram seu próprio sistema de comunicação, suas produções linguísticas. Mesmo assim, observamos que alguns pesquisadores defendem a ideia da implementação da Libras para educação de crianças indígenas surdas, embora seja utilizado outra língua criada naturalmente por aquele grupo

contendo peso cultural e referência ao seu cotidiano, como é o caso do povo Xukuru citados em Silva de Moura e Gomes (2020).

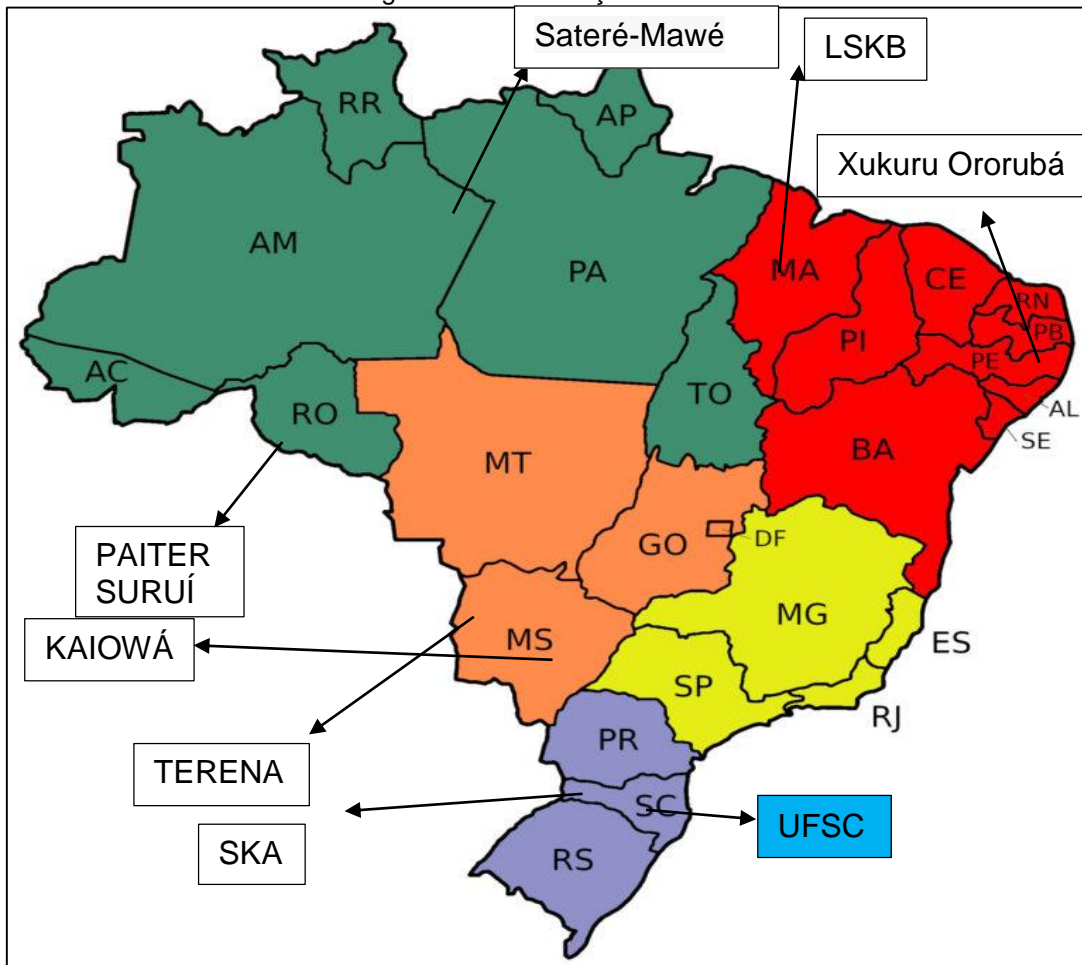
Um outro ponto a se destacar, tendo em vista a questão de usos linguísticos e produções culturais específicas não terem valorização no meio das produções sociolinguísticas não indígenas, é que essa situação já é familiar aos povos originários, tendo em vista, que eles tiveram que abdicar de seus costumes, de línguas, de diferentes modos de viver etc. para se adaptarem ao povo que chegou em suas terras e impôs sua forma de viver; em relação a esse contexto, é válido refletirmos não somente sobre a valorização dos povos indígenas e de suas produções sócio-linguístico-culturais, mas, além disso, utilizar a forma mais confortável – suas línguas originárias, inclusive LSIs – para letrar os membros desta comunidade, enaltecendo e registrando seus feitos e produções.

4.2 GEOGRAFIA DAS LSIS

Mediante a observação que fizemos referente aos estudos sobre as LSIs disponibilizados em meio digital, é notória a quantidade de trabalhos relacionados aos centros de pesquisa da região Sul e da região Sudeste do Brasil e, mais particularmente, na região Sul em que se encontra a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), considerada uma universidade importante, no tocante à produção de estudos voltados para a descrição e a análise de LSs no Brasil. Contudo, apesar dessa espécie de hegemonia dessas regiões nos estudos voltados às LSs, vêm crescendo os números de universidades no Centro-oeste, no Norte e no Nordeste que estão produzindo estudos sobre as LSs, e mais particularmente sobre as LSIs, principalmente essas últimas línguas que são produzidas em lugares afastados das cidades consideradas grandes centros.

Assim, para se ter uma visão panorâmica dos locais em que as LSIs referenciadas neste trabalho estão localizadas, tendo em vista que, a nosso ver, a localização dos povos que produzem essas línguas tem relação com os locais em que as LSIs estão sendo estudadas, apresentamos uma ilustração para mostrar, de maneira geral, como estão distribuídas as LSIs identificadas nos trabalhos analisados nesta monografia:

Figura 1 – Identificação das LSIs no Brasil



Fonte: Dados da pesquisa.

Em consonância ao mapa acima, segue-se o quadro 1 em que destacamos as LSIs mencionadas nos trabalhos sob análise, além das regiões em que são produzidas, e como as pesquisas-base desses textos classificaram as produções linguísticas de pessoas indígenas surdas com as quais os pesquisadores tiveram contato.

Quadro 1 – LSIs e produção de dados

LSI	LOCALIZAÇÃO	DADOS SOBRE
LSKB Língua de Sinais Ka'apor Brasileira	Maranhão	Primeira LSI mapeada e considerada língua.
XUKURU	Pernambuco	Sinais em desenvolvimento, poucos registros, utilizados pelos surdos da comunidade.
TERENA	Cachoeirinha – MS	Existem discussões a respeito de ser considerada língua ou não, com enfoque na pesquisa de descrição linguística.
KAIOWÁ	Amambai, Coronel Sapucaia, Paranhos e Dourados – MS	Segundo Lima (2013) e Coelho (2011), são descritos como gestos e sinais caseiros.
SKA Sinais Kaingang	Ipuçu – SC	Tem a presença de intérpretes de Libras em uma turma multisseriada com professores indígenas em que são utilizados os sinais SKA e a Libras simultaneamente.
SPS Sinais Paiter Suruí	Espigão do Oeste, Cacoal e Ministro Andreazza – RO	Sinais produzidos pela comunidade indígena, em que os indígenas se comunicam por meio deles sem influências de nenhuma LSs ou língua oral.
SATERÉ-MAWÉ	Microrregião de Parintins – AM	Há presença de surdos, porém não há registro de uma língua de sinais Sateré-Mawé. Tampouco assistência profissional para ensino de língua de sinais.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Durante a análise do material encontrado nos sites de busca, mencionados na Seção 2 deste trabalho, cujas línguas tratadas nos estudos sob análise estão descritas no Quadro 1, verificamos que a maioria dos textos analisados são voltados, em sua maioria, para discussões em torno de procedimentos de educação, sem produzir olhares sobre as línguas produzidas pelos indígenas surdos.

Ou seja, além de termos uma noção a respeito dos sinais utilizados por algumas crianças em aldeias isoladas – mais no contexto familiar – ou possíveis línguas utilizadas também na escola ou com os amigos, podemos verificar que além da falta de comunicação que essas crianças, adolescentes, jovens, adultos e até idosos enfrentam, também existe a carência em relação ao ensino – especificamente no caso das crianças – que em muitos cenários ou não estão matriculados, ou não frequentam a escola mesmo estando matriculados.

De acordo com os textos, são poucas as situações em que surdos indígenas consigam desenvolver diálogos em Libras, ou consigam entender o português escrito, como o caso dos surdos Terena que tem pouco conhecimento da Libras. Algumas comunidades têm acesso a tradutores-intérpretes ou a professores indígenas, como o povo Kaingang que possui uma turma multisseriada, e que faz o uso tanto da Libras, quanto do sistema linguístico produzidos por eles. Infelizmente, o caso dos indígenas

Kaingang é isolado, pois na maioria das vezes os indígenas surdos citados nos trabalhos não têm acesso à educação que lhes é de direito, nem por meio da Libras, nem de sua LSI.

Utilizando o termo “desenvolvimento”, comum nos textos investigados neste trabalho, é possível considerar que alguns sinais indígenas estão mais desenvolvidos que outros, como por exemplo, os produzidos por indígenas surdos Terena que apresentam um vocabulário mais amplo comparado aos sinais dos indígenas Guarani-Kaiowá, que ainda estão em processo de formação de gestos, ou ainda são chamados de sinais caseiros como citam Coelho (2011) e Lima (2013); essa produção linguística é utilizada em contexto familiar.

A maioria dos sinais que foi mapeado tem relação com o cotidiano e com as culturas dos povos indígenas, assim como apresenta relação com o objeto ou com a ação que o sinal representa, como foi percebido por exemplo, no povo Paiter Suruí, ou nos Terena e entre os Ka’apor; é evidente que os falantes naturais utilizam bastante do recurso visual para promover a comunicação como cita Eler (2017). Outro exemplo disso, seriam os sinais produzidos pelos Guarani-Kaiowá, que ainda fazem muita utilização de apontamento, mímica e dramatização.

Eler (2017) afirma que os SPS não têm relação com a Libras, língua oral ou escrita Paiter ou ainda, com o português escrito ou falado; a autora afirma que os SPS apresentam estrutura assim como a Libras; assim como também afirma Souza e Cezar (2020) sobre os sinais desenvolvidos pelo povo Terena. A maioria dos povos que produziu os sinais que foram analisados nos textos acadêmicos sob nossa investigação não apresentam relação com as línguas oral e escrita de suas comunidades ou do português, produzindo sinais independentes a essas variedades linguísticas ou relacionados ao cotidiano, como também, os indígenas surdos utilizam-se de expressões não manuais e corporais, características essas, presentes também na Libras.

Também é sabido que os povos indígenas são vítimas de abandono perante a sociedade, em diferentes âmbitos: educacional, atendimento à saúde, territorial, cultural, além de diferentes tipos de invisibilidades sociais. Essa inoperância estatal torna ainda mais infrutífera quando um indígena surdo não consegue se desenvolver linguisticamente, em que as formas de exercer suas sociabilidades são cerceadas.

Lima (2013) cita, assim como Coelho (2011), cenários em que crianças surdas não eram alfabetizadas e nem matriculadas no ensino regular; em situações como

essas, como uma criança indígena surda vai conseguir sustentar diálogos ou qualquer forma de comunicação sem ser com as formas de produções linguísticas que desenvolveram no âmbito familiar?

Nesse sentido, entendemos que classificar as produções linguísticas de sujeitos indígenas surdos, por meio de critérios que tracem o desenvolvimento de sinais, torna a situação desses sujeitos ainda mais complicadas, ampliando as formas de exclusão nas quais são submetidos. Se uma criança consegue ser alfabetizada e se construir como sujeito dentro da comunidade em que reside, utilizando como forma de comunicação suas produções linguísticas, é necessário fornecer o máximo de apoio e ligações que promovam um amparo maior para seus pares.

Além de uma educação especializada para esse grupo com suas especificidades, é necessário salientar também a importância da rede de apoio familiar que é de suma importância para suporte emocional e educacional. Outra questão importante, verificado em todos os textos que analisamos, são as formas de sociabilidades que estudantes indígenas surdos desenvolveram em espaços escolares, apesar de todos os problemas que enfrentam para frequentar as escolas.

Dessa forma, pudemos observar que, sendo a maioria dos trabalhos aqui identificados serem da área de educação ou com ela dialogarem, a produção linguística dos indígenas surdos foi entendida como deficiente em relação à Libras e às línguas orais como o português, justamente por não estarem no foco desses trabalhos, ocupando assim um lugar secundário durante as pesquisas. Por isso, destacamos a importância deste trabalho para se divulgar a tessitura de trabalhos voltados para a produção linguística de indígenas surdos que podem ajudar, inclusive, em processos de alfabetização linguística e em outras formas de educação linguística.

Em síntese, é necessário que mais estudos nessa área sejam desenvolvidos, por meio de pesquisas de campo voltados especificamente para o mapeamento e para a catalogação das LSIs, fazendo um levantamento de povos com registros já existentes de sinais – atualizando esses dados – e registrando novas comunidades. Para que isso ocorra, é primordial que haja contato com essas comunidades para inicialmente localizar os indivíduos que apresentam surdez em diferentes graus.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer da pesquisa-base deste texto monográfico, foi perceptível o imenso trabalho ainda a ser feito no tocante à descrição e à análise de Línguas de Sinais produzidas em comunidades indígenas. Isso se deve, não somente, pelo fato de ser uma área pouco investigada, ou ainda, pelo fato de ter se iniciado por um caminho diferente do esperado, mas, por esse campo nos causar muitas reflexões e discussões a respeito dos conceitos utilizados na Linguística, sobretudo para se entender a constituição das línguas produzidas por sujeitos em diferentes contextos de uso.

Ao longo do levantamento de textos acadêmicos para a construção desta monografia, mapeamos sete produções línguas/sinais – produções linguísticas – desenvolvidas no Brasil, em diferentes estados, nas regiões Norte, Nordeste, Sul e Centro-oeste do país. Em virtude disso, nos permitimos pensar na existência dos muitos povos indígenas distribuídos pelo Brasil, o que evidencia a possibilidade de haver ainda muitas LSIs sem registro ou catalogação, em processo de criação ou em desenvolvimento.

Durante a pesquisa-base deste estudo, foi possível analisar que existem muitas outras formas de comunicação utilizando a modalidade visuoespacial, além da Libras e de suas variedades. Nesse ínterim, após a listagem das comunidades as quais fazem a utilização de produções linguísticas próprias que, a nível de hipótese, não se tratam, especificamente, de simples variações, mímica, ou ainda, sinais emergentes. Essas produções são utilizadas diariamente no cotidiano de muitos indígenas surdos em suas esferas sociais, familiares, educacionais etc., e são responsáveis por incluí-los – mesmo que minimante – nas sociedades em que residem.

Entendemos que seja necessário, primeiramente, pensarmos em como nos referir a produções linguísticas realizadas por indígenas surdos, sem discriminar, menos ainda rebaixar essas produções a meros gestos ou “sinais caseiros”. Contudo, devido ao curto período de tempo para a realização deste estudo, muitas reflexões deixaram de ser feitas, principalmente no que tange à possibilidade de se pensar sobre formas de sistematização que as LSIs apresentam, muito embora os textos com os quais tivemos contato pouco ou não abordam essa questão.

De qualquer forma, a possível “natureza” – se é que de fato seja possível falar em natureza – das LSIs é um fato a ser problematizado e que carece, a nosso ver, de estudos mais aprofundados em outros momentos de produção de pesquisa. Assim, deixaremos para que novos pesquisadores – inclusive nós mesmos-, se aprofundem ainda mais no tema-base desta monografia, e tomem cautela ao se debruçar sobre o assunto, não se permitindo se dominar por estigmas linguísticos, evidentes em alguns trabalhos investigados, que se satisfizeram em apenas classificar a produção linguística de pessoas indígenas surdas em “gestos” ou “sinais caseiros”. Talvez, essa situação em classificar produções linguísticas com base em línguas socialmente consolidadas tenha relação com que o metodólogo Yin (2016) explana ao se referir ao cuidado que o pesquisador tem de desenvolver ao se referir a produções sócio-linguístico-culturais distintas que tenha costume.

Em relação à abordagem inicial dada nesta monografia, consideramos ser não viável classificar os sistemas linguísticos produzidos por surdos indígenas como sinais emergentes. Não se tratam de produções linguísticas criadas para atender a uma situação passageira. Além disso, algumas dessas línguas em virtude de serem utilizadas há muito tempo, sendo os seus primeiros registros terem se dado antes mesmo da documentação de variedades da Libras – caso da LKSB –, comprova a existência e a utilização de LSs por sujeitos indígenas surdos. Assim, considerando, a princípio, uma abordagem linguística que postula a não existência de pessoas sem língua (PINKER, 2002), a nível de hipótese, consideramos que mesmo os destacados “sinais caseiros” e os “gestos” possuem algum tipo de sistematização que precisa ser investigado, tendo em vista que o fato de serem criados e usados em ambientes restritos e isolados podem ser fatores da não ampliação e da não difusão dessas produções linguísticas.

Destarte, observamos que os poucos trabalhos dedicados a essa temática – citados ao longo desta monografia –, se desenvolveram por meio de perspectivas não linguísticas – deixando-se influenciar, inclusive, por perspectivas não científicas de abordagem linguística –, afirmando a não existência de outras línguas de sinais, criadas por indígenas, inferindo, dessa forma, a não capacidade de criação de produções linguísticas independentes pelos povos.

No que se refere ao primeiro objetivo específico ‘a’ desta pesquisa, alcançamos seu cumprimento a partir da análise das características teórico-metodológicas utilizadas nos textos, como já mencionados, em sua maioria – com

exceção de Sumaio (2014), Azevedo (2015), Eler (2017), Almeida (2019) e Godoy (2020), onde cada – voltados para a área da educação; características observadas da metodologia estavam com foco na forma como os alunos estavam inseridos na sala de aula; seu desenvolvimento e as dificuldades enfrentadas, além dos autores indicarem a Libras nos casos em que os alunos indígenas surdos não estavam no mesmo nível de aprendizado que os demais alunos ouvintes.

Nos casos excepcionais, listados acima, os autores buscam a catalogação dos sinais produzidos em contexto indígena, ou fazem um comparativo da Libras com uma determinada produção linguística, como é o caso da Almeida (2019).

Quanto ao objetivo ‘b’, ficou perceptível a visão educacional estar sobressaindo a linguística, o enfoque de educar os alunos surdos indígenas nas línguas já existentes, sejam elas orais (Língua Portuguesa ou a língua da comunidade em que estão), sejam sinalizadas (Libras). Além disso, entendemos que a abordagem utilizada por alguns autores, por serem pioneiros neste tópico, consideraram as LSIs de menos prestígio por não estarem sendo utilizadas fora do contexto indígena, ou existirem poucos estudos, ou ainda, estarem em processos considerados em “desenvolvimento”.

Gostaríamos de que este trabalho seja um eco, para ficar como ponto de reflexão a respeito da irrelevância no qual estão sendo tratadas as produções linguísticas dos povos originários, bem como, das condições de ensino que precisam ser melhor desenvolvidas diante desses povos, além dos registros que precisam ser realizados de suas línguas, tanto orais, quanto visuoespaciais. Precisamos de estudos desse campo que não ignorem os conceitos sobre cultura, língua, linguagem e história, embasados em métodos precisos e destituídos de qualquer preconceito.

Nesse sentido, é plausível afirmar que as produções linguísticas de pessoas indígenas surdas – que possuem especificidades e características próprias de cada povo, além de características comuns, como a dramatização ou a presença da arbitrariedade em alguns sinais, assim como a presença da iconicidade em muitos outros – devem ser consideradas línguas, pelo menos a nível de afirmação preliminar, tendo em vista do seu uso para promover sociabilidades, desenvolver a construção de meios de interação com uma ou mais pessoas, transmitir ideias e promover atitudes de transformação.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, E. M. de. **Análise constrativa entre a língua ka'apor de sinais e a libras: aspectos morfofonológicos**. 2019. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Letras Libras). Universidade Federal do Acre, Rio Branco, 2019.
- AZEVEDO, M. J. S. de. **Mapeamento e contribuições linguísticas do professor surdo aos índios surdos da etnia Sateré-Mawé na microrregião de Parintins**. 2015. 115f. Dissertação (Mestrado). Programa de pós-graduação em Letras Artes. Universidade do Estado do Amazonas. Manaus. 2015.
- COELHO, L. L. **A Constituição do sujeito surdo na cultura Guarani-Kaiowá: os processos próprios de interação e comunicação na família e na escola**. 2011. 125 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, MS, 2011.
- COUTO, H. H. **Introdução ao estudo das línguas Crioulas e Pidgins**. Brasília: Editora da UnB, 1996.
- FERREIRA-BRITO, L. (1984). Similarities and differences in two Brazilian sign languages. **Sign Language Studies** 42: 45-56. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/26203575>. DOI: <https://doi.org/10.1353/sls.1984.0003>
- FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Trad. de Joice Elias Costa. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- GIROLETTI, M. F. P. **Cultura surda e educação escolar Kaingang**. 2008. 219 f. 2008. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- GODOY, G. **Os Ka'apor, os gestos e os sinais**. 2020. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.
- GONZALES, D. de F. B. CANDIDO, H. G. S. Língua de Sinais Indígenas: A diversidade linguística nas diversas etnias. **MAI**. Brasilândia, p. 45-52, 2021.
- LIMA, J. M. S. **A criança indígena surda na cultura Guarani-Kaiowá: um estudo sobre as formas de comunicação e inclusão na família e na escola**. 2013. f. 124. Dissertação (Mestrado). Pós-graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2013.
- OLIVEIRA, V. L. M. Manual de pesquisa em estudos linguísticos. São Paulo: Parábola, 2019.
- PEREIRA, C. L.; PEREIRA, C. de M., D. Língua, cultura e identidade: conceitos intrínsecos e interdependentes. **EntreLetras**, 4(1), 2014.
- PERLIN, G. Identidades surdas. In: SKLIAR, C. (Org.) **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 1998.

PINKER, S. **O instinto da linguagem**: como a mente cria a linguagem. Trad. de Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

QUADROS, R. M. **Libras**. São Paulo: Parábola, 2019.

RAJAGOPALAN, K. **Por uma linguística crítica**: linguagem, identidade e a questão ética. São Paulo: Parábola, 2003.

SAMPIERI, R. H.; COLLADO, C. F.; LUCIO, M. P. B. Metodologia de pesquisa. Porto Alegre: Penso, 2013.

SILVA DE MOURA, M. L.; GOMES, J. C. Mapeamento das línguas de sinais indígenas no povo Xukuru do Ororubá no contexto dos estudos surdos. **Revista Educação, Pesquisa e Inclusão**, Boa Vista, v. 1, Edição temática – A interface da educação especial com a educação indígena – confluências e divergências, 2020.

SOARES, P. A. S.; FARGETTI, C. M. Línguas indígenas de sinais: pesquisas no Brasil. **LIAMES**: Línguas Indígenas Americanas, v. 22, p. e022004-e022004, 2022.

SOARES, P. A. S.; FARGETTI, C. M. Uma língua indígena de sinais brasileira. **Njinga & Sepé**: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras. São Francisco do Conde (BA), v.1, nº 1, p. 318-326, jan./jun. 2021.

SOUZA, I. de; CEZAR, K. P. L. Proposta de criação de roteiro de HQ sinalizada para cultura surda. **Revista X**, v. 15, n. 2, p. 185-202, 2020.

SUMAIO, Priscilla Alyne. **Sinalizando com os terena**: um estudo do uso da LIBRAS e de sinais nativos por indígenas surdos. 2014. 123 f. Dissertação (mestrado). Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras (Campus de Araraquara), 2014.

VARGAS, V. G. L.; SOUZA, S. L. de. Os “entre-lugares” em cena: silenciamentos e invisibilidades (sócio)linguísticas de surdos e indígenas no Brasil. In. BAGIO, Vilmar (Org). **DNA da Educação**. 2 ed. Diálogo Freiriano: Veranópolis, 2019.

Vilhalva, S. **Mapeamento das línguas de sinais emergentes**: um estudo sobre as comunidades linguísticas Indígenas de Mato Grosso do Sul. 2009. 137 f. Dissertação (mestrado). Programa de Pós-graduação em Linguística, Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

YIN, R. K. **Pesquisa qualitativa do início ao fim**. Porto Alegre, RS: Penso, 2016.